

Outros olhares sobre os processos educativos

Karla Saraiva

15

Espaço e tempo são dimensões constitutivas dos modos de vida e das formas de estar no mundo. Como esses elementos são apreendidos em uma dada cultura, os significados e usos que são aí tramados estão inextricavelmente associados com a organização social. Sendo assim, os processos educacionais estão, também, estreitamente articulados com as relações espaço-temporais de uma sociedade. A educação, por ser atravessada pelas transformações das relações espaço-temporais que ocorrem, transforma-se e também contribui para essas transformações.

Sendo assim, discutir as articulações entre educação, espaço e tempo é importante para compreender como se constituem as práticas educativas, tanto em sua configuração presente quanto em seu aspecto genealógico. Para lançar outros olhares sobre os modos de educar é preciso entender como espaço e tempo organizam os processos educativos e, também, como as relações espaço-temporais colocadas em movimento por esses processos educativos funcionam, ensinando lugares no mundo e permeando relações de poder.

Assumindo-se esses pressupostos, coloca-se a seguinte questão: no momento em que as sociedades contemporâneas passam por transformações tão marcantes nos modos de significar e utilizar espaço e tempo, quais efeitos estas vêm produzindo no campo educacional? Além disso, também parece pertinente investigar os modos como as relações espaço-temporais se atravessaram nas educacionais ao longo da história. Cabe destacar que, embora a análise das espacialidades e temporalidades em seu vínculo com a educação seja uma tarefa fundamental para a problematização do campo, a pesquisa acadêmica sobre o tema ainda é relativamente limitada. Este

número da revista *Em Aberto* visa justamente contribuir para o avanço dessas discussões.

Na seção Enfoque, no artigo “Educação, espaço, tempo: conexões”, Karla Saraiva, da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), partindo de um estudo de inspiração genealógica, mostra, no campo educacional, os efeitos das transformações que ocorreram nas relações espaço-temporais no Ocidente desde a modernidade. O modo como se passou a significar o espaço e o tempo guarda relação de causalidade imanente com a emergência da escola, pois, entre outros acontecimentos, permitiu o surgimento da noção de infância e de organização disciplinar. Na medida em que, na contemporaneidade, esses significados vêm se transformando, observam-se inflexões na educação articuladas com essas mudanças. Com isso, é possível compreender que espaço e tempo constituem noções cambiantes, mas de substancial importância na organização dos processos sociais. Os modos de educar em uma determinada sociedade estão estreitamente relacionados com suas concepções espaço-temporais.

A seção Pontos de Vista é composta por um conjunto de oito artigos, sendo dois de autoria de pesquisadores vinculados a universidades estrangeiras e seis, de pesquisadores de instituições nacionais.

No primeiro artigo, “Gestión del *self* y pedagogías uno a uno: espacio-tiempo dislocados en la era del gerenciamiento”, Julieta Armella e Silvia Grinberg, ambas da Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), Argentina, apresentam as conexões entre a gestão flexível do espaço e do tempo na sociedade contemporânea e as configurações da pedagogia por meio de uma investigação desenvolvida desde 2008, com enfoque etnográfico, em escolas periféricas de Buenos Aires. Segundo o estudo, as novas configurações espaço-temporais incitam a escola a flexibilizar-se, produzindo condições que tornam possíveis as pedagogias um a um, que se assentam na gestão de si mesmo, transformando os docentes em orientadores de processos autogestionados de aprendizagem. Entretanto, nas escolas pesquisadas foi possível observar um movimento contrário por parte de professores e alunos, com uma ampla valorização do comum.

No segundo artigo, “Governando espaços e espacialidades: uma análise das tecnologias de pedagogização no Parque Ibirapuera da cidade de São Paulo”, Ana Paula Nunes Chaves, da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e Julio Groppa Aquino, da Universidade de São Paulo (USP), analisam como determinados processos educativos forjam e governam espaços e espacialidades, sobretudo por meio de mecanismos pedagogizantes, os quais ultrapassam o âmbito educacional formal, espraiando-se cada vez mais no cenário urbano contemporâneo. O lócus da investigação foi o Parque Ibirapuera, uma vez que esse é um espaço articulador de uma série de experiências formativas modelares na paisagem urbana da cidade de São Paulo, levadas a cabo por cerca de 14 milhões de frequentadores ao ano, segundo dados oficiais. Desenvolvida em uma perspectiva foucaultiana, a investigação fundamentou-se em documentos oficiais e discursos jornalísticos entre 1954 e 2014, o que permitiu compreender o câmbio das tecnologias de governo que forjaram o parque como espaço educativo aberto, evidenciando uma

racionalidade assentada em práticas formativas difusas, as quais, aliadas a tecnologias de governamento populacional, que, apesar de comporem um campo vivo de forças ativas e reativas, redundam em práticas de subjetivação intensamente reguladas.

Salomão Mufarrej Hage e Maria Izabel Alves Reis, ambos da Universidade Federal do Pará (UFPA), no terceiro artigo, “Tempo, espaço e conhecimento nas escolas rurais multi(seriadas) e transgressão ao modelo seriado de ensino”, refletem sobre as realidades dessas escolas, para discutir o controle dos tempos/espacos/conhecimentos imposto por esse modelo, bem como os sinais que convergem para o enfrentamento e a desconstrução dos pilares que sustentam a sua hegemonia e convergem para a transgressão da matriz social, cultural, territorial e educacional que constitui a (multi)série.

No quarto artigo, “No tempo livre das escolas ocupadas: subversões do presentismo pelo ativismo jovem”, Miriam Leite e Nayara Cristina Araújo, ambas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), discutem a temporalidade relativa à identificação da juventude contemporânea, indagando a frequente atribuição de presentismo a esse agrupamento social, com base na problematização das narrativas de estudantes que participaram do movimento de ocupação de escolas da rede pública estadual do Rio de Janeiro em 2016. A partir de seis entrevistas, as autoras mostram que as jovens e os jovens participantes sonham com o futuro sem saber se há um futuro, concluindo que as narrativas oportunizadas pela pesquisa contestam, com potente argumentação, a atribuição de presentismo/fim da utopia à juventude contemporânea.

No quinto artigo, “Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender”, Viviane Camozzato, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), evidencia os possíveis vínculos entre as mudanças produzidas pela modernidade líquida e pela sociedade pedagógica. A pesquisa consiste em uma análise discursiva das obras *Pedagogia*, de Lorenzo Luzuriaga (1961), *Introdução à pedagogia*, de Émile Planchard (1962), e *A sociedade pedagógica*, de Jacky Beillerot (1985). De acordo com a autora, transformações socioculturais recorrentemente sinalizadas no século 20 inseriram, no campo da educação, uma crescente pedagogização da vida, multiplicando os espaços-tempos do ensinar e do aprender, resultando na expansão dos domínios da pedagogia, sendo sua atuação ampliada para além das paredes escolares, e possibilitando, ainda, que infindáveis lugares de aprendizagem sejam alçados à condição de ensinantes.

No sexto artigo, “Por uma didática da improvisação”, Karyne Dias Coutinho, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), discute a potencialidade do conceito de improvisação, em especial quando usado no teatro, para pensar temas típicos da didática, tais como aula, planejamento, ensino, aprendizagem, avaliação. Para im-pro-visar (que etimologicamente significa não-antes-ver = não antever), ao contrário do que se entende no sentido comum, precisa-se sim de muita preparação, mas de maneiras diferentes daquelas geralmente efetivadas na educação formal, que pretende controlar os processos antecipando (antevendo) o que vai neles acontecer. Confrontando as categorias analíticas relacionadas ao ensinar e aprender nesses termos, o conceito de improvisação promove uma abertura essencial e,

à medida que dá vez ao imprevisível e ao imprevisto, desloca a ênfase dos processos educativos para a escuta (inclusive dos silêncios) e para o rebote, deixando reverberar os temas de estudo por meio das relações singulares que docentes e estudantes estabelecem com o saber. A improvisação pode facultar aos corpos aprendentes outra experiência com o tempo e com o espaço, instigando uma forma sensivelmente mais atenta de habitar o presente, o único tempo em que efetivamente podemos atuar no mundo.

Maria Lidia Bueno Fernandes, da Universidade de Brasília (UnB) e Jader Janer Moreira Lopes, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no sétimo artigo, "Território, cultura e educação: a configuração da infância em tempo/espaço outro", discutem o tema da infância em contextos culturais específicos, no caso, a comunidade Vão de Almas, pertencente ao Território Quilombola Kalunga no município de Cavalcante, no estado de Goiás, Brasil, ancorados na teoria histórico-cultural de Lev Vigotsky. A partir das análises, foi possível mostrar que o espaço e o tempo marcam profundamente a identidade desses sujeitos.

Fecha a seção Pontos de Vista o artigo "A ideia de seminário e o desejo de aprender: das primeiras iniciativas em Halle (1695) à intensidade experimental de Vincennes (1968)", de Ana Luísa Paz e Jorge Ramos do Ó, ambos da Universidade de Lisboa, Portugal, que identificam e sequenciam, no processo mesmo da sua emergência histórica, as ideias e práticas de trabalho que ligaram a missão da universidade à investigação e não exclusivamente ao ensino. Os autores traçam uma genealogia desse gesto e detêm-se particularmente sobre o idealismo alemão do século 18 em torno da universidade alemã, concluindo com a experiência de Vincennes Paris-VIII, ligada aos autores do chamado pós-estruturalismo francês. As análises mostram que a institucionalização do seminário esteve de fato na origem do desenvolvimento de formas de relação pedagógico-experimentais e de processos de escrita inovadores nos domínios das humanidades e das ciências sociais, totalmente direcionados para as zonas de fronteira e para o amanhã da ciência.

A seção Espaço Aberto é constituída por uma entrevista do professor Alfredo Veiga-Neto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), concedida a Karla Saraiva. O entrevistado vem ocupando-se, em suas pesquisas, das relações entre espaço, tempo e educação, sendo o foco da discussão nessa entrevista as conexões entre transformações espaço-temporais e educação na contemporaneidade. Veiga-Neto coteja alguns ideais iluministas com as atuais diretrizes educacionais, problematizando as discursividades do presente e apontando possibilidades para repensar as práticas educativas.

Na seção Resenhas, duas contribuições. Valéria Lopes Peçanha e Luiz Eduardo Espindola de Souza, ambos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), analisam o livro *Currículo, espaço e subjetividade*, de Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano. Esta obra pioneira no tema contribuiu e contribui para que compreendamos o espaço-tempo como um elemento curricular. Os resenhistas chamam a atenção para o fato de que as análises apresentadas mostram que espaço-tempo não são dimensões neutras, mas componentes vivas imbricadas em disputas. Já Renato Possebon, da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), discute a obra *El valor del*

tiempo en educación, de José Gimeno Sacristán, que considera o tempo uma dimensão fundamental na instituição e organização da escola, porém, é pouco estudado e pouco discutido. O resenhista afirma que essa obra traz uma discussão importante e atual para repensar a escola, ainda mais se levarmos em conta o interesse crescente dos mais diferentes sistemas educacionais em aumentar o tempo de escolarização.

Por fim, na seção Bibliografia Comentada, organizada por Lutiane Novakowski e Karla Saraiva, ambas da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), apresentam-se teses, dissertações, artigos e livros relacionados com o tema.

Conforme é possível constatar pela leitura do conjunto de produções que compõem este número da revista *Em Aberto*, espaço e tempo constituem dimensões fundamentais na organização dos processos educacionais, sendo de grande importância pesquisar e discutir esses temas. Entretanto, como mencionado anteriormente, a produção acadêmica nesta área ainda é relativamente restrita, sendo necessários maiores investimentos nesse sentido. Esperamos que a leitura dos artigos, entrevista e resenhas aqui publicados sirva de inspiração para novos desenvolvimentos e que a bibliografia comentada incite a ampliar os estudos do tema, potencializando transformações desejáveis nos processos educativos.

Boa leitura!

Karla Saraiva
Organizadora